

RESENHA

SMIT, J.W. A representação da imagem. **Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul./dez. 1996.

Disponível em: <https://www.scribd.com/document/217054816/SMIT-A-representacao-da-Imagem>. Acesso em: 08 maio 2017.

A autora traz uma análise da representação de um documento iconográfico, no caso, a imagem fotográfica. Ressalta-se que a abordagem é feita de maneira prática e bastante dinâmica. A priori, ressalta a importância do referido documento para fins de documentação, prezando sempre por uma interpretação profunda da essência da imagem captada, das razões que levaram a sua constituição, esclarecendo como se deve proceder quanto ao tratamento para sua recuperação, de modo a criar uma representação eficaz daquele documento imagético.

Na perspectiva da representação a autora traz as considerações de Dubois (1994), onde o mesmo atribui três níveis de percepção da imagem, fazendo um paralelo aos níveis de percepção de informação proposto por Charles Sanders Peirce (Ícone, índice e símbolo), quais sejam: a fotografia como espelho do real (a descrição fiel do real a partir de seu referente); a fotografia como transformação do real (não se dá a percepção e uso da imagem exclusivamente a partir do referente, mas também pelas relações sociais e culturais de forma relativizada); e a fotografia como traço do real (a imagem remete ao seu referente, uma vez que foi incorporada à relatividade cultural e ideológica).

A partir do 3º nível extrai-se que a imagem fotográfica tem o poder de representação, pois podemos isolar o seu referente sem, todavia, deixá-lo de fora, ou seja, a imagem apenas o representa e não se confunde com o mesmo, e com isso não descarta a característica polissêmica da imagem.

Mais à frente, a autora traz as considerações de Erwin Panofsky (1979) para, a partir da construção de uma percepção da imagem fotográfica, estabelecer agora níveis de análise da mesma, sendo eles, para este autor três: 1) nível pré-iconográfico (considerações imediatas e superficiais do que se observa na imagem); 2) nível iconográfico (construção de um assunto secundário, conceito mítico, a partir da 1ª análise); e 3) nível iconológico (busca realizar uma interpretação intrínseca do conteúdo da imagem, entretanto, fatores culturais, artísticos e sociais nos quais a imagem foi gerada devem ser considerados). Frisa-se que neste 3º nível de análise, o interpretante buscará elaborar teorias, ou seja, constructos externos à fotografia.

¹ Resultado de exercício realizado na disciplina *Aplicação teórica na Ciência da Informação*, ministrada pela profa. Isa Freire no PPGCI da UFPB, qual seja: escolher, na Brapci, um artigo que adote o conceito de *regime de informação* e possa contribuir para os respectivos projetos dos discentes (mestrado e doutorado).

* Graduado em Direito pela Faculdades de Ensino Superior da Paraíba, Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: jr.elias01@hotmail.com

Neste viés a autora nos traz mais aprofundamentos no tocante a interpretação imagética, considerando a imagem ao mesmo tempo específica e genérica, específica por seu caráter particular e genérica pela característica polissêmica que seus componentes venham a ter. E quando desta dualidade, cabe então aplicar a diferenciação proposta por Shatford (1986), que vem a ser bastante salutar no processo de representação, que considera dois significados: o fatural – A imagem é de que?; e o significado expressivo: A imagem é sobre o que?. As respostas para estas perguntas resultam na configuração de um referente genérico e específico.

Outrossim, a autora traz ainda mais considerações sobre o que se deve descrever nas imagens, e para tal pontua as categorias: QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, as quais vêm sendo utilizadas por vários estudiosos como parâmetro para análise documentária da imagem. Neste viés, nos traz dicas de como selecionar informação iconográfica a partir de questões de quantidade e de prioridade. E descreve a imagem, quando para fins documentários, como uma entidade tripartida, conforme Lacerda (1993), onde será composta de a) suporte, b) expressão fotográfica e c) conteúdo informacional. O que deixa bastante claro o leque de mecanismos que o analisador detém, bem como se faz norteador de toda prática de avaliação de imagens.